

A PARÁBOLA E A VERDADE EM AJUDA MÚTUA

MARGARIDA CORDO

Um dia alguém escreveu mais ou menos assim - «Tenho nas minhas mãos dois caminhos, duas decisões, mesmo quando tudo parece desabar. Cabe-me decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar. Se o mar está revolto, posso ficar na praia ou sair para pescar e, talvez nunca mais volte. Tenho nas minhas mãos o bem e o mal e, entre eles, poucos pensamentos. Um diz para fazer sem culpa. O outro pensa, reflete e pede para esperar. Enquanto o mundo se perde em erros, posso manter-me sereno, sem medo... porque (quase) tenho a chave da minha vida nas minhas mãos.

Então hoje sinto-me mais forte, pois atravessei os desertos da alma. Atravessei caminhos nem sempre floridos que deixaram marcas profundas em mim. E dou-me o direito de errar sem me cobrar e de acertar sem me gabar. Porque descobri no percurso incerto da vida que o mais importante é decidir. Decidi, de uma vez por todas ser simplesmente feliz... e esse passeio não tem volta.»

As narrativas que fazemos sobre a nossa história, sobre os nossos sofrimentos, sobre as nossas desesperanças e os nossos desesperos, são genuínas oportunidades, experiências subjetivas, que nos permitem olhar o mundo de frente, como numa corrida de toiros, em que o homem perante a besta está muito mais indefeso e só a quer pegar de caras, com toda a lealdade.

Mas, para conseguir ser assim, é preciso ter coragem. Coragem de assumir quem se é e como se é; coragem de se dizer sem vacilar e de receber críticas e desvalorizações paternalistas; coragem de não se ser respeitado como se julga ser devido; coragem de ter relações nada recíprocas porque profundamente assimétricas e estabelecidas com pessoas que se pretendem dominantes.

A verdade das pessoas com doença mental inclui, no paradigma que dá título a esta revista, a possibilidade de reconquistarem a esperança; a recuperação da sua cidadania e

de alguns papéis sociais que podem voltar a desempenhar; a desconstrução do autoestigma que, tantas vezes, as fez marginalizarem-se a si mesmas para não morrerem de vergonha nem de medo; a possibilidade de transformarem obstáculos em desafios e de seguirem em frente com a autenticidade que, em geral, as caracteriza.

Não havendo palavra portuguesa encontrada para este passo mais além, porque não é sinónimo da reabilitação de pessoas com doença mental, partilharei um conto Judaico, cuja sabedoria nele implícita nos faz sentir que existe toda uma forma de vida nova tão honesta quanto o desejo de ser merecedor de se sentir pessoa; tão corajosa quanto a vontade de não se disfarçar; tão ousada quanto o sonho de voltar a ser feliz após ter feito a travessia da loucura sem vestes e sem roupagens... Ainda assim, tudo isto com o cuidado de se fazer adaptar ao tempo que somos e ao mundo em que vivemos.

«Um dia, a Verdade andava a visitar os homens sem roupas e sem adornos, tão nua como o seu nome. Todos que a viam viravam-lhe as costas de vergonha ou de medo e ninguém lhe dava as boas-vindas.

Assim, a verdade percorria os confins da Terra rejeitada e desprezada.

Uma tarde, muito desconsolada e triste, encontrou a Parábola que passeava alegremente num traje belo e muito colorido.

- Verdade, porque estás tão abatida? - perguntou a Parábola.

- Porque devo ser muito feia já que os homens me evitam tanto!

- Que disparate - riu a Parábola - Não é por isso que os homens te evitam. Toma. Veste algumas das minhas roupas e vê o que acontece.

Então a Verdade pôs algumas das lindas vestes da Parábola e, de repente, por toda a parte onde passava era bem-vinda.

- Pois os homens não gostam de encarar a verdade nua. Antes a preferem disfarçada.»

